

---

## Do Programa Escola Sem Homofobia ao “Kit Gay”: uma análise de discurso e representação através da cobertura jornalística<sup>1</sup>

Felipe Collar BERNI<sup>2</sup>

Vanessa Calvo GUERRA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

### RESUMO

O presente artigo tem como objeto realizar uma análise de discurso e representação a partir de notícias publicadas entre os anos de 2011 e 2013 em relação ao Programa Escola Sem Homofobia. Desta forma, busca-se contribuir para o entendimento sobre a construção da gênese da ideia que reverberou como “kit gay”. O processo foi transpassado pelo debate sobre *fake news* e pós-verdade e suas implicações possuem desdobramentos observáveis em campos como o social, político e econômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa Escola Sem Homofobia; Kit Gay; Discurso, Notícia; Jornalismo.

### Introdução

A proposta dessa análise, em um primeiro momento, busca mapear a gênese da ideia que se popularizou como “kit gay”. Em seguida, debater sobre a construção da notícia (ALSINA, 2009) e do discurso (FOUCAULT, 1996), ambos na abordagem jornalística sobre o fato, tendo como recorte para análise quatro notícias publicadas entre 2011 e 2013 (período de gênese do projeto e suspensão do mesmo).

Nosso percurso é esbarrado pela noção de fake news, uma vez que parte do processo noticioso em relação ao Programa Escola Sem Homofobia<sup>4</sup> se apoderou de falsas informações e discursos realizados em âmbito institucional por opositores à proposta para a construção do acontecimento. A complexidade desse processo também se encontra nas discussões de pós-verdade, uma vez que a disseminação e o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, e-mail: [felipecollar@gmail.com](mailto:felipecollar@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, e-mail: [vanessa.cguerra@gmail.com](mailto:vanessa.cguerra@gmail.com)

<sup>4</sup> Em maio de 2004, o governo federal lançou o Brasil sem Homofobia (BSH) – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual. Dentre o BSH, no âmbito educacional, cria-se o O Projeto Escola sem Homofobia visando contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec1.pdf>> Acesso em: 03 maio 2019.

---

compartilhamento de informações em relação à temática se intensificou a partir de convicções e disputas ideológicas, capazes de manipular o conteúdo (ALVES, 2018).

Com base na abordagem foucaultiana, podemos pensar o discurso intrínseco à arqueologia dos saberes, sendo uma representação culturalmente construída da realidade, não uma cópia exata (FOUCAULT, 1996). Assim, o discurso constrói o conhecimento, o regulando através de construções de saberes e de textos o que é possível de ser dito e o que não é. Desta forma, produz e reproduz poder e conhecimento de forma simultânea.

Conforme defendido por Foucault (1996), o discurso define o sujeito, moldando e posicionando quem ele é e o que ele pode ser e fazer dentro de um contexto. Transformando o que é discurso em método para análise textual significa debater: o que está sendo representado aqui como verdade e de forma normalizadora? Como isso é construído? Quais evidências são usadas? O que foi deixado de fora? O que está em primeiro plano e o que está em segundo plano? Quais interesses estão sendo mobilizados e quais não estão? Como isso tem se manifestado? Quais identidades, ações, práticas são possíveis/ou desejáveis/ou requeridas por esse modo de pensar/falar/compreender? O que é proibido? O que é normalizado e o que se torna patológico? (BRANDÃO, 1994).

### **“Kit Gay”: da criação à eleição**

Em 30 de novembro de 2010, o então deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) sobe à Tribuna da Câmara dos Deputados para tratar, segundo ele, do “maior escândalo” que ele já tomou conhecimento em 20 anos de exercício de mandato (TV CÂMARA, 2010). O discurso é compartilhado em sua conta no YouTube como o título “Alerta aos Pais de Alunos de Escolas Públicas: MEC distribui Cartilha e Kit-Gay à Rede Pública”<sup>5</sup>.

O fala de Bolsonaro fazia referência ao programa Escola Sem Homofobia, criado no âmbito do Ministério da Educação (MEC), liderado pelo professor Fernando Haddad. O projeto teve como objetivo a criação de dois produtos específicos: o primeiro é um conjunto de recomendações elaborado com o intuito de revisar, formular e implementar políticas públicas que enfoquem a questão da homofobia; o segundo é a

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=ONfPCxKdGT4&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=ONfPCxKdGT4&feature=player_embedded). Acesso em: 28 abr. 2019

incorporação e institucionalização de uma estratégia de comunicação para trabalhar a homossexualidade de uma maneira mais consistente nos contextos educativos. Essa estratégia compreende a criação de um kit de material educativo para trabalhar a abordagem (ROSO; ROMANINI; CADERMATORI, 2017).

Em 2011, já no governo Dilma, o projeto ainda tramitava nas instâncias institucionais quando o grupo denominado “Revoltados Online”<sup>6</sup> criou uma petição pública<sup>7</sup> em repúdio ao kit anti-homofobia, que foi denominado por eles como “kit gay”, e reverberado pelo então deputado Bolsonaro. A repercussão e pressão da bancada religiosa levou Dilma Rousseff a vetar o projeto<sup>8</sup>. Jair Bolsonaro comemorou a decisão em pronunciamento na Câmara: “antes de agradecer à bancada Católica, à bancada Evangélica, entre outros preocupados com a família, com os bons costumes, né, dizer que o monstro ainda não foi devidamente, não está devidamente morto” (TV CÂMARA, 2011).

Os embates em relação ao tema seguiram no decorrer dos anos. Em 2018, o assunto foi peça chave na campanha presidencial. Bolsonaro (PSL) alegou que Fernando Haddad (PT)<sup>9</sup>, também candidato à presidência, era o autor do referido kit e que o mesmo fora distribuído às escolas para alunos entre 6 e 10 anos. Em uma entrevista concedida ao Jornal Nacional<sup>10</sup>, Bolsonaro levou um livro que supostamente havia sido comprado pelo MEC e distribuído às crianças. O material em questão, seria um livro publicado pela editora Companhia das Letras. Em nota<sup>11</sup>, a editora declarou ser mentira as declarações do candidato, e que o livro nada tinha a ver com o poder público. Nas semanas próximas ao pleito, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) declarou as alegações do candidato Bolsonaro eram “falsas” e decretou que os vídeos usados em sua campanha fazendo menção a existência do “Kit Gay” fossem retirados imediatamente do ar<sup>12</sup>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://revoltadosonline.blogspot.com/>. Acesso em: 03 maio 2019

<sup>7</sup> Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/?pi=PROL>. Acesso em: 28 abr. 2019

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_oL3Jc1QBZA](https://www.youtube.com/watch?v=_oL3Jc1QBZA). Acesso em: 28 abr. 2019

<sup>9</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381\\_052616.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html). Acesso em: 03 maio 2019

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uVGQ2vzJW7E>. Acesso em: 03 maio 2019

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/companhiadasletras/posts/comunicado-oficial-sobre-aparelho-sexual-e-ciaatendendo-a-pedidos-compartilhamos/10155720195841408/>. Acesso em: 28 abr. 2019

<sup>12</sup> Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/tse-manda-remover-videos-que-associam-gestao-haddad-kit-gay>. Acesso em: 28 abr. 2019

### **Fake news e sociedade: implicações na era da pós-verdade**

A introdução das *fake news* no debate político-social foi impulsionada a partir do momento em que a sociedade passou a enxergar as consequências dessa prática para além da veracidade jornalística, passando a atingir de forma individual e coletiva as experiências econômicas, políticas, históricas e de saúde. Nesse sentido, podemos entender *fake news* como informações propositalmente e comprovadamente falsas, muitas vezes assumida em caráter sensacionalista, disseminadas como se fossem notícias e visando o proveito sobre algo ou alguém.

A descentralização do poder de informar e pautar o debate na sociedade - antes estritamente relacionado ao jornalismo - unindo a facilidade que as redes sociais possibilitaram em relação à produção e compartilhamento de textos e imagens nas redes por parte de qualquer usuário, caracteriza o que Recuero (2009) aponta como período de mudança e desafios no pensar e no produzir jornalismo.

Os meios de comunicação de massa não mais detêm o monopólio de produção da notícia, que se encontra espalhada pela rede mundial de computadores, a internet. Com uma contemporaneidade cada vez mais híbrida, fluída e em sinérgica mudança, vemos meios de comunicação e mídias deixando apenas de conviver entre si para convergir dentre suas potencialidades (SANTAELLA, 2008). Tal realidade possibilitou um avanço em detrimento da cultura de massa, que vinha predominando a forma de consumo e difusão da informação: cada vez mais o sujeito se vê como instrumento ativo, tendo a possibilidade de consumo cada vez mais individual, segmentada, diversificada e com a hibridização das mensagens; além de receber, conquista a possibilidade de produzir conteúdo, como aponta Santaella (2008).

Nessas circunstâncias, uma problemática emergiu. As notícias falsas não são exclusivas do tempo presente, o que a torna particular nesse contexto são as possibilidades de reprodução, disseminação e alcance que a internet proporcionou a elas, sendo objeto de dúvida e colocando em xeque a credibilidade jornalística. No Brasil, tomando como exemplo, podemos visualizar o impacto das *fakes news* a partir da própria construção da ideia de “kit gay”; no golpe de 2016, no qual a presidenta

---

---

Dilma Rousseff sofreu impeachment<sup>13</sup>; e no assassinato de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro, em 14 março de 2018<sup>14</sup>.

A veracidade da notícia é objeto de constantes questionamentos. Alsina (2009) defende o entendimento da notícia não como uma fato verdadeiro, mas sim como uma narração de um fato: “a notícia é a narração de um acontecimento, de uma parte da vida individual ou coletiva, de algo verdadeiro ou fingido, provado ou não (boato)” (ALSINA, 2009, p. 296). Podemos caminhar para a compreensão de que notícias falsas sempre existiram, em uma compreensão de ausência da verdade, verificação, checagem e cancela por um jornalista, mas o fenômeno das fake news se difere na intencionalidade de produzir e propagar um conteúdo falso. Souza (2017) lembra que a história do jornalismo sempre se envolveu com notícias falsas, como boatos sem apuração, notícias pagas ou sensacionalistas, porém ressalta que “com a internet a proliferação das notícias falsas aumentou exponencialmente. Um fenômeno que vem pondo em risco a própria profissão de jornalista, que vê agora, em plena era digital, sua credibilidade novamente em jogo” (SOUZA, 2017, p. 01).

As *fakes news* são objetos de um conceito em referência às verdades convenientes, chamado de pós-verdade. Esse entendimento se refere à formação de opiniões em que fatos objetivos são menos influentes do que apelos à emoção e crença pessoal, tais como ideologia e religião.

Todavia a pós-verdade não se refere a uma ingenuidade de se acreditar em tudo que alcança os olhos e ouvidos do internauta. Ela se beneficia muito bem das crenças formalizadas, e são capazes de manipular o conteúdo para afirmar uma inclinação desta ou daquela convicção. (ALVES, 2018, p. 214).

O termo pós-verdade aglutina o entendimento de que a verdade está perdendo importância no debate público. Dois casos internacionais exemplificam sua ideia: a eleição de Donald Trump à presidência dos EUA em 2016 e o Brexit, referendo que

---

<sup>13</sup> Prática presente durante todo o processo, houve na semana final de votação sua atuação intensificada, onde três em cada cinco notícias que circulavam sobre a temática eram falsas. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417\\_noticias\\_falsas\\_redes\\_brasil\\_fd](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417_noticias_falsas_redes_brasil_fd)>. Acesso em: 28 abr. 2019.

<sup>14</sup> Um estudo elaborado pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo, revelou que a notícia mais compartilhada na internet sobre a morte de Marielle Franco era uma *fake news* que associava Marielle ao traficante Carlinhos VP e à facção Comando Vermelho. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/como-ganhou-corpo-onda-de-fake-news-sobre-marielle-franco-22518202>>. Acesso em: 28 abr. 2019

---

decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia. Ambas as campanhas fizeram uso de mentiras para a vitória<sup>15</sup>.

Num exercício de compreensão dos desafios da contemporaneidade, as reflexões de Foucault nos atualizam ao afirmar que “vivemos em uma sociedade que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por este motivo, poderes específicos” (FOUCAULT, 1979, p. 231).

De forma específica, as eleições gerais, em 2018, no Brasil, tiveram seu resultado e debate viciados por notícias falsas. A candidatura de Jair Bolsonaro (PSL) alavancou graças, também, à essa prática. Conteúdos foram disseminados nas redes sociais e discursos foram proferidos numa temática onde se defendia a “família tradicional brasileira” em oposição ao “kit gay”, a “ideologia de gênero” e o comunismo. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) interveio e mandou retirar os conteúdos relacionados ao chamado “kit gay” compartilhado pela campanha bolsonarista. O discurso de ódio contra minorias étnico-social e distorção de movimentos sociais e populares também se apresentaram. Assim,

se, por um lado as já comprovadas fake news encontraram lugar no pensamento hegemônico da sociedade brasileira e foram acolhidas durante a campanha de Jair Bolsonaro, a desconstrução e a evidenciação de seu caráter falacioso não foram suficientes para provocar oscilações na receptividade de sua candidatura frente à opinião pública, como demonstraram os resultados das urnas. (MARANHÃO FILHO; COELHO; DIAS, 2018, p. 85)

### **Uma análise crítica do discurso**

Nesse sentido, partimos para o exercício de uma análise crítica do discurso a partir de quatro notícias, publicadas entre os anos de 2011 e 2013, a saber: “Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro” (G1, 2011), publicada em 25 de maio de 2011; “Após pressão de religiosos, Dilma suspende produção de kit anti-homofobia” (O GLOBO, 2011a) publicada em 25 de maio de 2011; “Diferentemente do divulgado, kits anti- homofobia eram para crianças de 11 anos” (O GLOBO, 2011b),

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acesso em: 03 maio 2019

---

publicada em 26 de maio de 2011 e, por fim, “Dois anos após veto, MEC diz que ainda 'analisa' kit anti-homofobia” (TERRA, 2013), publicada em 17 de maio de 2013.

Para tal ato é fundamental reconhecer os discursos como práticas descontínuas, sem transformá-los em um jogo de significações prévias. A análise do discurso “não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação” (GROHMANN, 2010, p.4).

De acordo com Ponte (2005), a análise crítica do discurso associa a perspectiva sociológica e política sobre o jornalismo como discurso social e a atenção particular à linguagem e às suas escolhas de realização em atos de comunicação. Em uma sociedade, pode-se observar que é materializado os efeitos de sentidos nos textos que nela circulam. Estamos há todo momento submetidos aos movimentos de interpretação/reinterpretação das mensagens midiáticas.

De acordo com Gregolin (2007), o interdiscurso não é transparente e o sujeito não é a origem dos sentidos, sendo assim, ninguém consegue enxergar a totalidade significativa nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente.

A coerência visível em cada discurso particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentidos que invadem o campo do real social. O efeito de coerência e unidade de cada texto é construído por agenciamentos discursivos que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão e permitem que um texto possa “estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível” (FOUCAULT, 2004, p.121-122). (GREGOLIN, 2007, p.15-16).

Essa submissão à interpretação e reinterpretação pode-se observar inicialmente no título das matérias que são objeto de análise deste artigo. Na matéria “Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro” (G1, 2011), entende-se que por uma decisão da presidenta o projeto foi vetado, mas na notícia publicada no mesmo dia com o seguinte título “Após pressão de religiosos, Dilma suspende produção de kit anti-homofobia” (O GLOBO, 2011a), entende-se que esta não foi uma decisão voluntária da presidência e precisou uma “pressão” para que ela fosse tomada.

---

Para falar sobre discurso Gregolin (2007) nos apresenta uma análise do livro de Michel Foucault “A arqueologia do saber” (1969), onde chega as seguinte considerações:

- a) o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas;
- b) os dizeres e fazeres inserem-se em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação;
- c) o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico;
- d) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente);
- e) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico. (GREGOLIN, 2007, p.14-15).

Em “A Ordem do Discurso”, Foucault (1996) defende que em todas as sociedades a produção do discurso, é controlada, redistribuída e organizada por procedimentos que têm como atividade conclamar poderes e dominar. Além disso, existem procedimentos de exclusão através do discurso. A palavra é o lugar onde se exerce a separação dos tipos sociais produzidos negativamente.

Nos textos da mídia observa-se uma unidade, de certa forma, ilusória e estes fazem o papel de mediação entre os leitores e a realidade. Mas esta realidade apresentada não é absoluta, mas uma construção que, de acordo com Gregolin (2007), permite o leitor frutificar representações simbólicas no relacionamento com a realidade concreta. “Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento” (GREGOLIN, 2007, p.16).

Já Ponte (2005), mostra que a linguagem produzida pelo jornalismo foi entendida como modelo de poder de linguagem na representação de realidades. No sentido em que os discursos sociais podem contribuir na reprodução ou na mudança de relações de poder. Na abordagem foucaultiana o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata.

Seguindo pelo conceito de Foucault (1996), o discurso sobre o kit anti-homofobia apresentado nas três matérias de 2011 nos mostra uma exclusão negativa quando as falas se relacionam ao projeto. O leitor se identifica, de forma positiva, com tal exclusão quando este é dito por políticos e legitimado pela reprodução da mídia.

---

Primeiramente, observa-se um apelo religioso e conservador ao afirmar que houve uma “pressão da bancada evangélica, católica e da família”, entendendo que a decisão não foi propriamente da presidenta Dilma Rousseff.

Nas matérias do portal G1 e do site do jornal O Globo, através das falas de suas fontes, o kit anti-homofobia é trazido como algo maléfico como podemos ver em um dos trechos: “todo material sobre ‘costumes’ será produzido após consulta a setores da sociedade interessados, inclusive a bancada religiosa” (O GLOBO, 2011a), neste caso, entende-se a homofobia como um “costume” e não um tipo de preconceito. Outra expressão encontrada é “virulenta” (G1, 2011), usada por uma das fontes entrevistadas ao falar sobre o kit anti-homofobia, que também traz uma conotação negativa. Desta forma, com um apelo de proximidade, o público é levado a entender o projeto como algo negativo.

Em outra notícia publicada no site do jornal O Globo (2011b), observa-se uma mudança ainda mais negativa no discurso da mídia, ao afirmar que o kit anti-homofobia seria distribuído para crianças e usa a fala de uma professora para legitimar essa “negativação”. E, como percebe-se nos objetos analisados até aqui, não existe “um outro lado da história” fazendo essa representação da verdade, se tornar a verdade, propriamente dita.

É possível examinar regimes de poder através da desconstrução histórica de sistemas ou regimes como geradores de opiniões, significados e como discurso. Assim, nos explicita o porquê de algumas linhas de pensamento e argumentação se tornam verdades, enquanto outras são maneiras de visualizar são marginalizadas.

Partindo de uma abordagem foucaultiana, diz-se que o discurso constrói o conhecimento, portanto, regula através da produção de categorias de conhecimento e conjuntos de textos o que é possível de ser falado e o que não é (como as regras concedidas de inclusão/exclusão). Assim ele re/produz poder e conhecimento simultaneamente. O discurso define o sujeito, moldando e posicionando quem ele é e o que ele é capaz de fazer.

A matéria publicada pelo portal Terra (2013), traz um novo discurso relacionado ao kit anti-homofobia. Desta vez, a notícia mostra todos os lados do projeto e as polêmicas no entorno, além disso, pode-se observar o uso da expressão “Kit Gay” dita inicialmente pelo deputado federal, na época, Jair Bolsonaro – atual presidente do

---

Brasil. Aqui, percebe-se durante a leitura se tratar de uma “guerra” ideológica entre políticos e não uma ação benéfica à população. Já que a matéria também mostra a violência/preconceito no país que os homossexuais sofrem e, através da fala de fontes entrevistadas, tenta mostrar o projeto de um lado positivo, ao contrário do que observamos nas publicações analisadas de 2011.

### **Considerações finais**

A presente análise partiu da inquietação de entender como esse fenômeno adentrou-se nas camadas sociais e de certa forma impulsionou uma cultura da desinformação, do ódio, da ignorância e da homofobia na contemporaneidade brasileira. Esse pequeno recorte, buscou compreender a origem do debate, para rastrear as especificidades desse longa disputa de narrativa, que já perpassa diferentes governos federais, além de visualizar a imagem criada a respeito do kit anti-homofobia, que se mostrou negativa.

De certo modo, ao reproduzir a expressão “kit gay” a mídia legitima o discurso reducionista e preconceituoso e as pretensões de Jair Bolsonaro e de seu grupo político. Isso fica claro quando as pautas de debate no processo eleitoral de 2018 se aglutinam em torno da chamada “ideologia de gênero”, majoritariamente, discursos alicerçados em inverdades. Portanto, essa legitimação de um discurso negativo por parte da grande mídia, nos mostra um entendimento errôneo e, até mesmo, falso sobre os objetivos do Programa. Assim, é possível visualizar um trabalho jornalístico que abriu mão em da veracidade da informação na construção da notícia.

Por fim, identificamos um discurso conservador e muitas vezes preconceituoso através das fontes entrevistadas nas matérias de 2011.

A pretensão é de prosseguimento das análises, com outros recortes e também outros espaços-temporais, numa tentativa de construir um conhecimento que nos ajude a visualizar o jornalismo, a política, a democracia e os direitos humanos na década que vai se encerrando, para termos embasamento para avançarmos na construção de uma mídia e de um Brasil verdadeiramente democráticos.

### **Referências**

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALVES, Lorena Ferreira. Fake News: contra-ataque à pós-verdade. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA, 17., 2018, Goiânia. **Anais...** . Goiânia: Editora Ufg, 2018. p. 212 - 219.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: UNICAMP, 1994

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

G1. **Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro**. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html>>. Acesso em: 05. maio 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

GROHMANN, Rafael. Michel Foucault, Discurso e Mídia. **Anagrama**, v. 3, n. 2, p. 1-11, 2009.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”:: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. **Correlatio**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.65-90, dez. 2018.

O GLOBO. **Após pressão de religiosos, Dilma suspende produção de 'kit anti-homofobia'**. 2011a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/apos-pressao-de-religiosos-dilma-suspende-producao-de-kit-anti-homofobia-2766070>>. Acesso em: 05. maio 2019.

O GLOBO. **Diferentemente do divulgado, kits anti-homofobia eram para crianças de 11 anos**. 2011b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/diferentemente-do-divulgado-kits-anti-homofobia-eram-para-criancas-de-11-anos-2764570>>. Acesso em: 05. maio 2019.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para Discussão**. 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> Acesso em: 28 abr. 2019.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moises; CADEMARTORI, Ana Carolina. “Kit Escola Sem Homofobia” e discursos políticos: quando representações sociais se tornam ideológicas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 37, p. 395-424, 2017.

---

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura.** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, Rogério. Investigando as fake news: análise das as agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 22., 2017, Volta Redonda. **Anais...** . São Paulo: Intercom, 2017. p. 1 - 15.

TERRA. **Dois anos após veto, MEC diz que ainda 'analisa' kit anti-homofobia.** 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/dois-anos-apos-veto-mec-diz-que-ainda-analisa-kit-anti-homofobia,62a3a67b302be310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>> Acesso em: 05 maio 2019.

TV CÂMARA. Deputado Federal Jair Bolsonaro – Sessão Extraordinária da Câmara de Deputados. 2010.

TV CÂMARA. Deputado Federal Jair Bolsonaro – Sessão Extraordinária da Câmara de Deputados. 2011.